

PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII

N.º 624

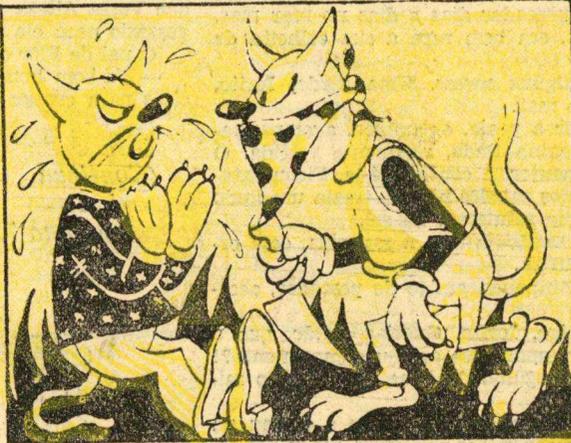
SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL
LO SECULO

ARCINDO

AVENTURAS DE «RINHANHÁU»



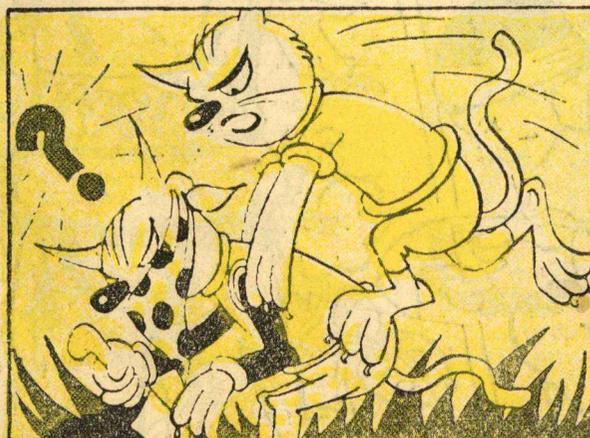
O gatinho «Rinhánháu», tendo vazia a barriga, medita num carapau que há pouco viu numa giga.



Dom Maltês, gato abastado, que estava ao fundo da praça, é, de súbito, assaltado por bichano de má raça.



«Rinhánháu, surpreendido, em face daquele assalto, brada para o atrevido: — «Braços no ar!... Alto, alto!...»



E envolvem-se os dois à bulha, mas «Rinhánháu» valentão vence o bichano trifulha, que era assassino e ladrão.



E, amarrando-o como um feixe, exige que êle lhe diga onde tem guardado o peixe que rouba após cada briga.



E ei-lo, agora, como um soba, a meditar no rifão que diz:— Quem a ladrão rouba, tem cem anos de perdão.

HONRADEZ

Por MANUEL FERREIRA



IVIA, há muitos anos, lá no longínquo e formoso Japão, um pescador de pérolas, chamado Iorito.

Bom e virtuoso, mas vivendo exclusivamente, do mar, passava dificuldades, sempre que a sua pesca resultava infrutífera. Muitas vezes, eram numerosas as ostras mas bem poucas as pérolas.

O pescador vivia, com sua mãe, uma velhinha que era todo o seu enlêvo. Por ela, arrastava, muitas vezes, a fúria do oceano, no seu frágil barquito.

Um certo dia, a mãe adoeceu gravemente. Iorito gastou as suas economias para que a doente nada faltasse. Mas o dinheiro desaparecia a olhos vistos e a doença não tinha, sequer, alívio. Passava o pescador dias e dias no mar mas, por caprichos do Destino, era bem rara a sua colheita de pérolas.

Assim se passaram alguns meses. Uma tarde, Iorito, choroso, dirigiu-se para o mar.

No caminho, ao chegar à praia, encontrou, acompanhada de uma aia, uma menina linda, ricamente vestida. O pescador parou uns momentos a contemplá-la. Ficou extasiado com a sua beleza. Nos cabelos negros, trazia um lindo diadema de brilhantes que refletiam ao sol.

Humildemente, Iorito saudou-a mas a rapariga, com orgulho, fingiu que não o ouvira.

Nêste momento, um camponês, amigo do pescador, acercou-se dêste e disse-lhe:

— «A paz esteja contigo, Iorito. Querias, então, que a princesa Flôr de Mel correspondesse ao teu cumprimento?! Não conheces, decerto, o orgulho da filha do primeiro ministro de Sua Magestade...»

O pescador, tristemente, aprontou o barco e entrou no oceano. Costumando procurar ostras períferas, via-se, agora, na contingência de ter de pescar qualquer reles peixe para matar a fome da sua querida mãe.

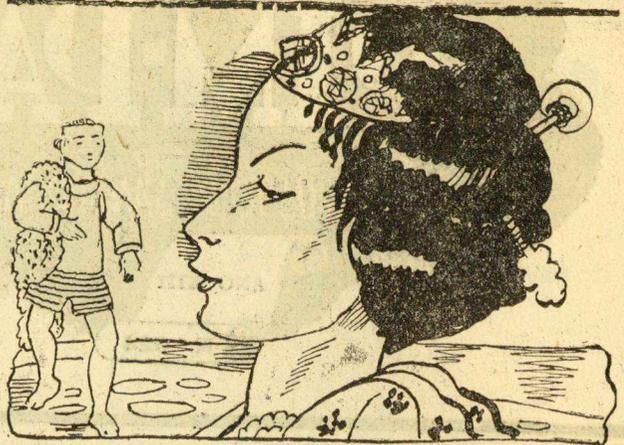
Remando, o rapaz percorreu o oceano. Como a sorte, nêsse dia, o favorecesse, Iorito encheu de pescado o seu pequeno barco.

Ao chegar à praia, viu, na areia molhada, luzir uma pedrinha. Apanhou-a. Era um lindo brilhante.

Ficou contentíssimo. Imediatamente preparou, em casa, uma refeição para sua mãe e contou-lhe o achado.

Honesto como poucos, deu tratos à imaginação e calculou que a pedra preciosa, tivesse caído do diadema da princesa Flôr de Mel.

Iorito nem comeu. A pressa dirigiu-se ao palácio onde o ministro passava as suas férias numa vila muito distante. Este,



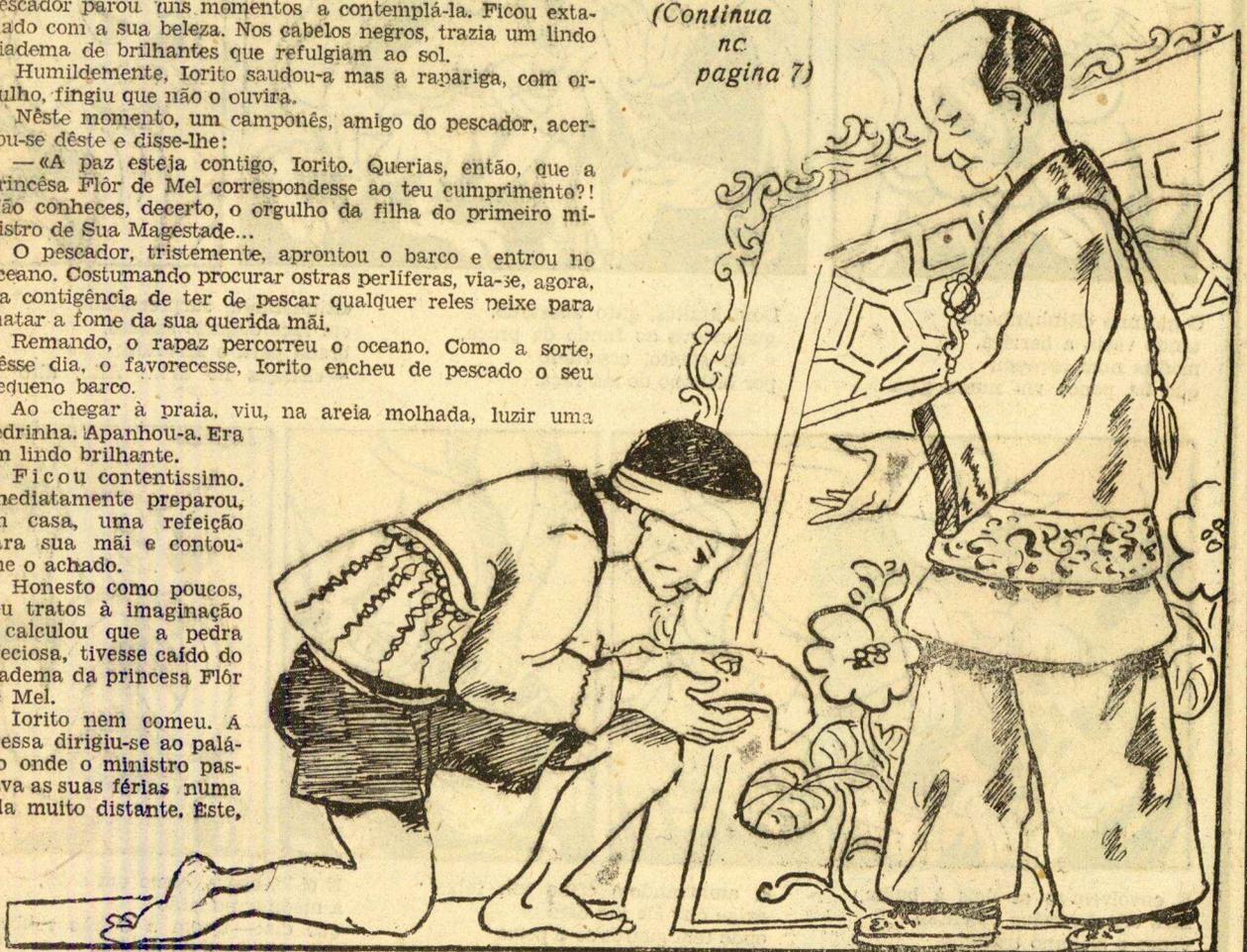
que não recebia pessoa alguma, exultou, tanto mais que, ao beijar a filha, tinha dado por falta do brilhante, que era de valor incalculável.

O grande senhor recebeu-o, amavelmente. Perguntou-lhe que alviças desejava. Iorito respondeu:

— «Para mim, nada quero, Alteza. O cumprimento do dever não merece prêmio. Desejava apenas, se fôsse possível, que Vossa Alteza pusesse à disposição de minha mãe o necessário para ela recuperar a saúde.»

O pai de Flôr de Mel abraçou o honrado pescador: — E's bom homem e filho exemplar. De nada mais precisas para contar com a minha protecção...»

(Continua
na
pagina 7)



VOLTOU-SE O FEITIÇO

POR ARGENTINITA



desviara-se e fôra, sem mais cerimônias, queimar-lhe uma orelha, deixando-lhe o pêlo todo chamuscado.

— «Maldito Carôcho... Hás-de pagarmas tôdas juntas!» — berrou ela, assanhada.

E, ocultando, sôb uma touca de rendas, o desastre sofrido, chamou a criada, a quem ordenou que fôsse, sem demora, chamar o polícia Fiel, um canzarrão muito seu amigo e, portanto, em flagrante contradição com a velha lenda que, corre âcerca do cão e do gato...

Após prolongada conferência, o polícia Fiel, muito empertigado na sua farda de botões dourados, despediu-se da D. Lambisqueira com um apêto de pata à inglesa e uma piscadela de olhos, que queriam dizer: «Combinado; não faltarei», e rodou, célere, nos calcanhares, deixando-a a saborear antecipadamente o prazer da vingança prometida.

Era já noite quando o Carôcho, farto de vagar sem destino e filosofando sôbre a dificuldade de se ganhar honradamente a vida, se dirigiu para casa. Logo à entrada, deparou o seguinte bilhete, que alguém deitára por debaixo da porta:

«A D. Lambisqueira, considerando quanto foi injusta para com o sr. Carôcho, pede-lhe a jineza de a procurar às 10 horas da noite».

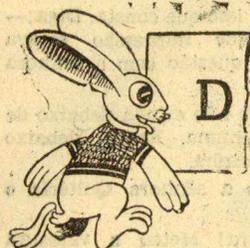
P. S.

E' favor entrar pela porta de serviço»

Carôcho era um bom e, como todos os bons, não era desconfiado. Por isso, quando acabou de lêr o bilhetinho, não supondo que êle pudesse significar uma cilada, ficou radiante e, à hora aprazada, entrava pela tal porta de serviço, com o coração aos pulinhos...

Porém, um terrível espectáculo se lhe deparou!

(Continua na página 7)



DESDE que o gatarrão Sovina morrera, legando à sua sobrinha, a gata D. Lambisqueira, uma enorme fortuna, esta não parecia

a mesma. De magra que estava, mesmo na espinha, tornara-se gorda e anafada; era, agora, uma dama da alta roda! Quando passava, tôda repimpada no seu Buick, modelo 1938, ostentando vistosas «toilettes» e jóias de deslumbrantes pedrarias, tôda a bicharada abria a bôca, num *ah!* de admiração, o que muito envaidecia a toleirona D. Lambisqueira, a quem todos davam o tratamento de *Excelência, Sr.^a Dona* e outras gentilezas semelhantes.

Até o gatinho Carôcho, o proprietário dos mais bonitos olhos da raça felina, que fôra o seu companheiro predilecto nos tempos da desgraça, não se atrevia a soltar mais que uns *miaus* de desconsôlo, aos quais a D. Lambisqueira não ligava importância alguma.

O dinheirinho que o gatarrão Sovina, amealhára, à custa de muita laria e trabalho de negro, comprazia-se ela em o gastar, agora, às mãos cheias. Mas julgam que se compadecia de alguma desgraça? Isso sim! Empregava o dinheiro em coisas supérfluas, apenas. Se até comprára cavalos para apostar nas corridas!

Quando disto soube, o Carôcho encheu-se de coragem e resolveu ir pedir-lhe o lugar de *jockey*. Lavou-se, retorceu os façanhudos bigodes e, vestindo um velho sôbretudo (herança do avô Trínca Espinhas), dirigiu-se para o palacete da D. Lambisqueira.

Pelo caminho, ia confiado em que ela não estaria esquecida dos ratinhos e até de alguns carapáus que papára à custa do trabalho dêle, quando, morta de fome, mas preguiçosa por índole, ela usava e abusava da sua generosidade e comolacência.

Quando expôs à D. Lambisqueira os fins da sua visita, o pobre Carôcho ficou por tal forma fulminado com o olhar que ela lhe deitara, que olhou para todos os cantos a vér se descobria um buraquinho por onde pudesse sumir a arrepiada carcassa.

— «Ah!... Ah!... Ah!... (gargalhou a Lambisqueira, divertida). Assim, lazarento e pelintra, devias dar um *jockey* soberbo... Palavra! Com certeza que não me faltariam felicitações pela

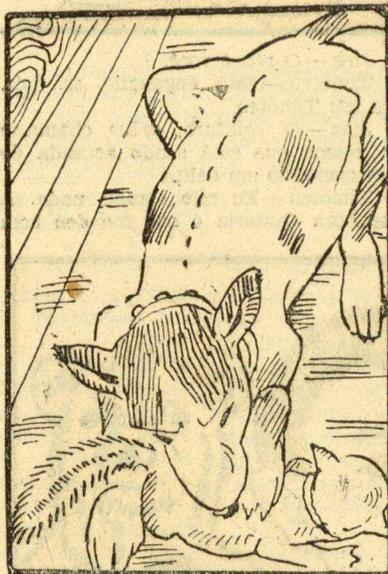
aquisição da rica herdeira de Lord Sovina. Ah! Ah!...»

Os lindos olhos do Carôcho fusilaram de cólera e, esquecendo o respeito que devia à rica herdeira de Lord Sovina, cresceu para ela, ferrando-lhe no lombo as aguçadas unhas, ao mesmo tempo que lhe dizia:

— «Toma para o teu tabaco, presumida duma figa! E olha que isto é apenas a amostra do paninho. Se continuares a insultar-me, desdobra-se a peça inteira. Olé!... Julgas que vales muito, lá por trazeres as patorras ornadas de jóias caras? As minhas estão cobertas de calos, jóias que são o símbolo do trabalho humilde, do que não dará prestígio mas que dignifica. Compreendes, minha delambida?»

O que a delambida compreendera depressa, fôra que o amigo Carôcho não era para brincadeiras, tratando de se pôr ao freseo. Nada, que o seguro morrera de velho!...

Entretanto, ia pensando na forma como se havia de vingar daquele «Zé Ninguém», que levara a ousadia ao extremo de tocar na sua elegante pessoa com as sujas e desgraçadas patorras.



Enquanto procedia a uma minuciosa «toilette», para apagar as pouco amáveis carícias do Carôcho, mil projectos lhe ferviam na mente. No momento em que, empunhando o ferro, muito quente, transformava o eriçado pêlo do tou-tiço em artísticos caracóis, tendo, certamente, achado o que procurava, deu um enorme pulo, logo seguido dum *ai* de dôr, pois, com o balanço, o ferro

DESAVENÇAS DO TIMÓTEO COM A SENHORA QUITÉRIA

Por ISABEL AREOSA

NO TRIBUNAL

Juiz — O seu nome?
 Timóteo — Timóteo, um seu criado.
 Juiz — E' casado?
 Timóteo — Sim, senhor.
 Juiz — Com prole?
 Timóteo — Não, senhor. Com Maria Procópia.

Juiz — Não é isso. Pregunto se você tem prole, isto é, se tem filhos!

Timóteo — Ah! Tenho, tenho, sim, senhor. Tenho um prolo e uma prola.

Juiz — Oh! Oh! Mas que tolíce. Você não sabe o que está a dizer, homem. Olha do que éle se havia de lembrar! Não se diz um prolo e uma prola. Só se diz prole, o que quer dizer «descendência».

Timóteo — Desculpe, vossa senhoria. Tenho duas descendências...

Juiz — Cada vez percebe menos!
 Timóteo — Desculpe, vossa senhoria...

Juiz — Filiação?
 Timóteo — Eu para lhe dizer a verdade... não estou filiado em partido nenhum...

Juiz — Não é isso, senhor! Eu pergunto de quem é você filho?

Timóteo — Ah! Sou filho de Joaquim Calado e de Josefa Zaragata.

Juiz — Onde mora?
 Timóteo — Móro com a minha sogra.

Juiz — Onde mora a sua sogra?
 Timóteo — Móra comigo.

Juiz — Mas onde moram os dois?
 Timóteo — Moramos juntos!

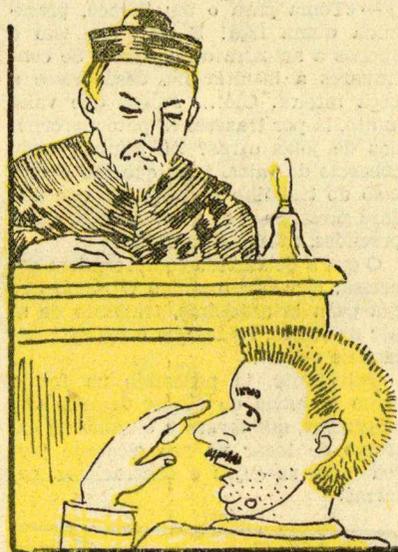
Juiz — Mas que tal está éle! Não se obtém uma resposta com jeito! Sabe de que o acusam?

Timóteo — Sei, sim, sr. Juiz; mas é falso. E' falso!

Juiz — O réu é acusado de ter batido na senhora Quitéria.

Timóteo — Então foi o Réu, não fui eu.

Juiz — Mas é que...
 Timóteo — Ora' essa, lá se o Réu lhe bateu, eu não tenho nada com isso!



Juiz — O réu é você.
 Timóteo — Está enganado, sr. juiz, eu sou Timóteo.

Juiz — O' criatura, «réu» chama-se à pessoa que está sendo acusada de ter cometido um delito.

Timóteo — Eu não cometi nada. A senhora Quitéria é que me deu com

uma couve do «lugar» nas «bentas» e chegou-me com o cabo da vassoura...

Juiz — Não é isso que consta. Diga:— debaixo de que impressão estava quando teve a questão com a senhora Quitéria?

Timóteo — Eu não estava debaixo de Impressão nenhuma. Estava debaixo da mesa dá cozinha.

Juiz — Então a senhora Quitéria o que fez?

Timóteo — Ora! Meteu a vassoura debaixo da mesa e aquilo foi zás... zás... zás... Eu encolhi-me para a esquerda, para a direita, para trás... Mas ela lá chegava com a vassoura... Toma! Toma! Levei uma tosa, sr. juiz!

Juiz — Mas a senhora Quitéria diz que você é que lhe bateu com um balthau.

Timóteo — Não é verdade, não, sr. juiz...

Juiz — O réu tem testemunhas oculares da sua questão com a senhora Quitéria?

Timóteo — Oculares não tenho, mas tenho um vizinho oculista que assistiu a tudo...

Juiz — Você não percebe nada do que eu lhe pergunto! Testemunhas oculares quer dizer — testemunhas que prosenclassem o delito.

Timóteo — Ah! Tenho, sim, senhor, tenho o meu vizinho, que, afinal, é testemunha ocular e oculista.

Juiz — Pois a senhora Quitéria também tem cinco testemunhas que assistiram a tudo.

Timóteo — E eu posso arranjar-lhe cinco mil que não assistiram a nada!

Juiz — Você é uma criatura impossível de aturar. Sabe que a sua sogra é uma testemunha das que o acusam de ter maltratado a senhora Quitéria...

Timóteo — Mentira, sr. juiz, é mentira! Saiba vossa senhoria que ela é que me trata muito mal. Eu já há tempos que ando para me queixar de que ela me trata como a um cão; obriga-me a trabalhar como um camelo, e faz-me fazer tristes figuras de urso...

Juiz — Isso, então, é com a Sociedade Protectora dos Animais, não é com este tribunal...

Timóteo — Está bem, hei-de me queixar para lá.

Juiz — Pois a senhora Quitéria pede uma indemnização de mil e quinhentos escudos.

Timóteo — Mas eu não tenho aqui essa quantia!

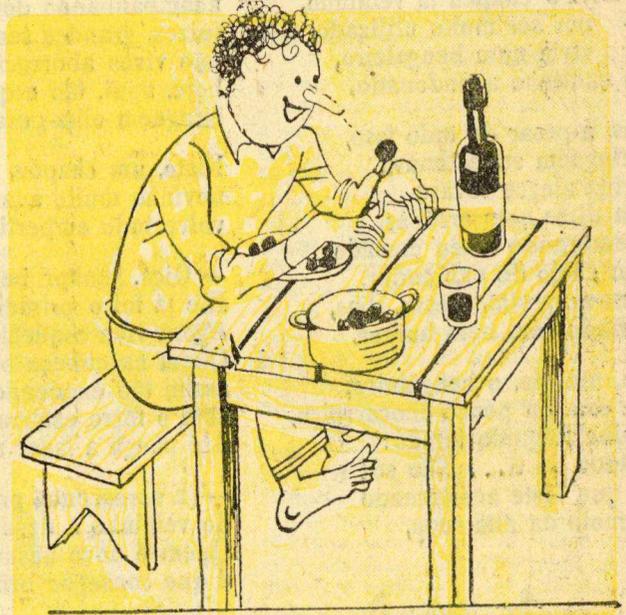
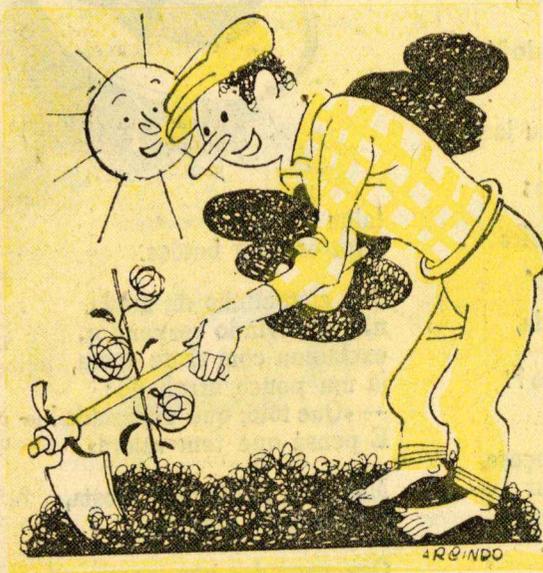
Juiz — E lá em casa?
 Timóteo — Ah! Lá em casa estão todos bem, muito obrigado.





OS NOSSOS CONCURSOS

ENCONTRAI RIMAS E FIXAI CONCEITOS POR JOSINO AMADO



Quem, desde o romper do dia,
Com vontade «bem trabuca»,
A' noite, com aleg...
Pela certa «bem mand....»,

E por isso a lusa infância
A trabalhar se recreia,
Para ter, com abund.....,
Almôço, jantar e ceia!

Publicamos, hoje, a segunda série dêste novo concurso, cujo objectivo consiste, como já tiveram ocasião de verificar, tão simples é, em coleccionar os respectivos versos e desenhos, em cadernetas feitas pelos próprios concorrentes, substituindo os pontos por letras, de forma a completarem as rimas adequadas. Serão cem os conceitos a rimar, tantos quantos constituem êste novo e original concurso. Brevemente publicaremos a lista completa dos prémios, constituídos por brinquedos e livros infantis.

O PATINHO PINTOR:—a nossa CONSTRUÇÃO

Instruções—Vêr página 8

Esta construção é dedicada aos nossos amiguinhos mais novos e é tão simples que quási dispensa explicações. Em todo o caso, elas aí vão:
Começa-se, naturalmente, pela colagem. Se não quiserem estragar o jornalzinho, podem passar o desenho para outro papel, por meio de decalque ou outro qualquer processo. A peça n.º 7 deve ser colada em cartolina bastante forte, assim como a barra do movimento (peça n.º 4). As outras duas peças, isto é, a cabeça e o corpo do nosso patinho, são coladas em cartolina mais fraca. Depois de bem sequinhas, vamos tratar de recortar, muito bem recortadinhas, tôdas as peças. As duas ranhuras, E e E, que se vêem na peça n.º 1, são abertas a canivete. Trata-se, agora, de ajustar entre si

os pontos A, B C, etc.: Unimos, em primeiro lugar, os pontos A com A e B com B, por meio de ataches, que devem ser daqueles mais pequeninos. (Se não tiverem à mão ataches, podem usar pontos de linha). Depois, com um atache um pouco maior, deverão unir o ponto c da cabeça do patinho, com o ponto c da barra do movimento, de maneira que o atache, atravessando a ranhura D da peça n.º 1, deixe ficar entre as duas, esta peça. Antes, porém, de apertar, faz-se passar a peça n.º 4 pela ranhura E.
Pronto! Está armado o bonéco.

Agora, é só fazer andar a barra para baixo e para cima e verá como o patinho desata a pintar, que até dá gosto.

Juiz — Você é tolo, homem. E lá em casa tem essa quantia?
Timóteo — Ora vossa senhoria tem coíças! Se eu tivesse um conto e quinhentos... compreende... num homem que tem um conto e quinhentos não se bate com uma vassoura! — Convidada-se para um duelo.

Juiz — Bem, bem. Como você é um homem pobre, eu perdôo-lhe, desta vez, se você me prometer que não torna a entrar em desordens e agressões. Se você fôsse um homem rico, então não lhe perdoava.
Timóteo — Obrigado, senhor juiz. Mas olhe que se eu um dia chego a ser

rico, sou lá capaz de andar metido em «desordens e agressões!» Qual história! Poderei é ter alguma cêna de pugilato!

F I M

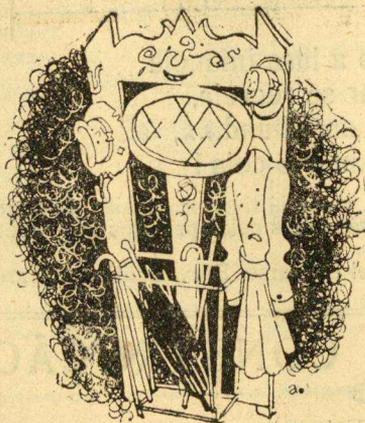
NO BENGALEIRO (DIALOGO)

Por FELIZ VENTURA

CERTO chapéu já velhinho,
por ser muito utilizado,
vivia num bengaleiro,
em cantinho abandonado.

Mas, a-pesar de tudo isso,
a ninguém se lastimava
e vida alegre levava
sem ditos nem arrelias,
relembrando o seu passado
todo cheio de esplendor.
Passava, assim, meses, dias,
sorrindo com belo humor,

Ora, um dia, o bengaleiro,
que era um pouco chocarreiro,
diz-lhe fingindo ter dó:
Coitado de ti... Tão só!
Tu que foste acostumado
no meio da alta roda,



acompanhando doutores,
juizes, grandes senhores,
não vives aborrecido,
hoje, aqui, tão esquecido?!
Ninguém olha para ti!

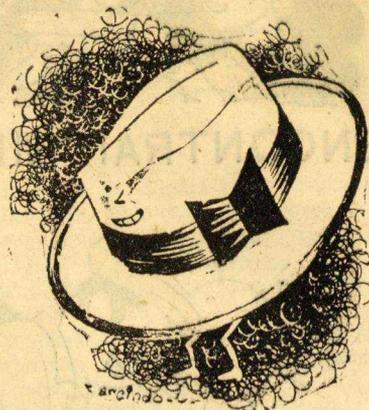
Nisto, um chapéu, a seu lado,
novinho muito anafado,
volve todo empertigado:

— Oiça, senhor bengaleiro...
Ele já foi o primeiro...
Agora vive esquecido.
Quem na cabeça o poria,
assim tão enodoado
com o fôrro esfarrapado?!
Até chega a fazer rir!

— (E acrescenta, presunçoso,
do velhinho a desdenhar:—
Quem é novo nesta vida
é que consegue brilhar.

— (E depois, com ligeireza,
volve para um sobretudo
que estivera sempre mudo
sem se qu'rer
intrometer:—
— «Dê-me a sua opinião...
Não acha nisto razão?»

Este, então, cheio de linha,
pois um grande orgulho tinha
de ser sempre ajuizado,
gostando de estar calado
no meio das discussões,
resmungou
lá p'ra consigo,



falou
para os seus botões.

E o chapelinho da moda,
não o ouvindo responder,
exclamou com ar de mofa,
já um pouco arreliado:
— «Que tôlo; que malcriado! —
E pensa que tem valor!»

Mas, não obtendo resposta,
acabou-se a discussão.

Ora, passados uns meses,
o chapéu, que era velhinho,
foi novamente escovado
e a uma tinturaria
levado,
no mesmo dia;
e, depois de tal arranjo,
ficou que dir-se-ia novo.

As aparências enganam...
Já se sabe isto de cór.
A's vezes o que é velhinho
inda tem muito valor,

F I M

OS NOSSOS CONCURSOS GRANDES DE PORTUGAL

Damos, em seguida, a lista das figuras que constituem o nosso Concurso:

- 1 — Viriato.
- 2 — Conde D. Henrique (D. Henrique de Borgonha).
- 3 — Martim Moniz.
- 4 — D. Afonso Henriques.
- 5 — Santo António de Lisboa (Dr. Fernando de Bulhões).
- 6 — Papa João (Dr. Pedro Julião).
- 7 — D. Deniz.
- 8 — Rainha Santa Isabel (D. Isabel de Aragão).
- 9 — Felipa de Lencastre.
- 10 — Nun'Alvares Pereira.
- 11 — Conde de Abranches (D. Alvaro Vaz de Almada).
- 12 — Infante D. Henrique.

- 13 — D. Fernando.
- 14 — Bartolomeu Dias (Bartolomeu Dias de Novais).
- 15 — D. Francisco de Almeida.
- 16 — Afonso de Albuquerque.
- 17 — Pedro Alvares Cabral.
- 18 — D. João II.
- 19 — Vasco da Gama (D. Vasco da Gama).
- 20 — Fernão de Magalhães.
- 21 — Marquês de Sá da Bandeira (Bernardo de Sá Nogueira).
- 22 — Febo Moniz.
- 23 — Camões (Luiz Vaz de Camões).
- 24 — Prior do Crato (D. António).
- 25 — D. Sebastião.
- 26 — Conde de Castelo Melhor (Luiz de Vasconcelos e Sousa).

- 27 — Bartolomeu de Gusmão (Bartolomeu Lourenço de Gusmão).
- 28 — Marquês de Pombal (Sebastião José de Carvalho e Melo).
- 29 — Bocage (Manuel Maria Barbosa du Bocage).
- 30 — D. João de Castro.
- 31 — Almeida Garrett (João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett).
- 32 — Patrão Lopes (Joaquim Lopes).
- 33 — Castilho (António Feliciano de Castilho).
- 34 — Passos Manuel (Manuel da Silva Passos).
- 35 — José Estevão Coelho de Magalhães.
- 36 — Alexandre Herculano (Alexandre Herculano de Carvalho e Araújo).

HORA DE RECREIO

N.º 20 — III CAMPIONATO

LOGOGRIFO

1 —

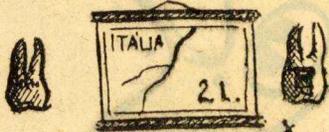
Dama bem fina, de olhar cruel — 3-2-4-10
A um monge pediu com comoção — 3-8-2-5
P'ra os costumes e ritos lhe narrar —
4-7-3-2-8-5-1
Pois entrar qu'ria p'ra a congregação —
6-4-2-9

E se tu, caro confrade,
Queres ter a solução,
E' forçoso que te diga:
Parece consolação!

Tom Mix

ENIGMA FIGURADO

— 2



CHARADAS NOVISSIMAS

3 — Dei dinheiro porque tive compaixão do que estava estampado. — 2-1.

Zé

4 — Por causa do roubo d'este «mo-

lusco», por vezes penso. com pavor, no destêrro. — 2-2

Zé Gaspar

SINOPADAS

5 — O suporte para meter os livros estava no levante da casa. — 3-2.

Travassos Lopes

6 — O esfomeado anda sem roupa. — 3-2.

Zé Fernando

7 — Restituir o que não nos pertence é nossa obrigação. — 3-2.

Zé Manel

ELECTRICAS

8 — Para se fazer a mistura é preciso ser jeitoso. — 2.

Vir Bonus

9 — A «mulher» afogou-se no rio português. — 2

Voltatre (M. D. C.)

MACADA GEOGRAFICA

10 — RESPONDO-TE

Zé Quitólas

PREGUNTA ENIGMATICA

11 — Qual é o nome de mulher, com 3 sílabas, que, invertendo-se as letras da segunda, fica o mesmo nome?

Tacos

VOLTOU-SE o FEITIÇO

(Continuado da página 3)

Um enorme cão, soltando uns latidos aterradores, dava mil dentadas e tapatadas numa «coisa» informe, que o olhar perspicaz de mestre Carócho, reconheceu ser a D. Lambisqueira.

Assustado, o pobre gatinho não esperou um segundo para dar ás de Vila Diogo...

Nunca o Carócho chegou a compreender a razão porque a D. Lambisqueira tivera tão triste fim. Mas eu, que a não ignoro, vou revelá-la aos meus amiguinhos:

— A D. Lambisqueira, além de má e presumida, tinha o feio defeito da curiosidade. Em felgas por saber se a sentença, a que condenára o pobre Carócho, havia sido cumprida, envolveu-se numa longa capa negra e, pé ante pé, dirigira-se para o lugar do suplício. Ora o Fiel, que era um pouco miope e que, para não atrair a atenção do condenado, tirara os óculos, com os quais costumava andar, julgando tratar-se do Carócho, zás... atirara-se à D. Lambisqueira, de nada valendo os miaus de protesto que ela soltava, porque êle, cego e surdo de raiva, nada via nem ouvia.

E aqui têm o que sucedeu a quem podia ter sido muito feliz se, em lugar de má tóla e curiosa, tivesse sido boa, simples e caritativa.

Esta história vem provar, mais uma vez, que, sempre que se trama qualquer maldade contra o nosso semelhante, é certo e sabido o feitiço voltar-se contra o feiteiro...

- 37 — Camilo Castelo Branco (Camilo Castelo Branco Correia Botelho).
- 38 — João de Deus (João de Deus Ramos).
- 39 — D. Pedro V (D. Pedro de Alcantara Bragança).
- 40 — Julio Deniz (Joaquim Guilherme Gomes Coelho).
- 41 — Antero do Quental (Antero Tarquinio do Quental).
- 42 — Rafael Bordalo Pinheiro.
- 43 — Eça de Queiroz (José Maria de Eça de Queiroz).
- 44 — Alfredo Kell.
- 45 — Abilio Guerra Junqueiro (Abilio Manuel Guerra Junqueiro).
- 46 — Roberto Ivens.
- 47 — Mousinho (Joaquim Augusto Mousinho de Albuquerque).
- 48 — Camara Pestana (Luiz da Camara Pestana).
- 49 — Carvalho Araujo (José Botelho de Carvalho Araujo).
- 50 — Sacadura Cabral (Artur de Sacadura Freire Cabral).
- 51 — Gil Eanes.
- 52 — D. Leonor (D. Leonor de Lencastre).
- 53 — Gil Vicente.
- 54 — Bernardim Ribeiro.
- 55 — S. Francisco Xavier (D. Francisco Jasso de Azpicueta Navarro).
- 56 — Salvador Correia (Salvador Correia de Sá e Benevides).
- 57 — Padre Antonio Vieira.

- 58 — Marcos Portugal (Marcos António da Fonseca Portugal).
- 59 — Soares dos Reis (António Soares dos Reis).
- 60 — Columbano (Columbano Bordalo Pinheiro).
- 61 — D. Teresa.
- 62 — D. Fuas Roupinho.
- 63 — Lidador (Gonçalo Mendes da Maia).
- 64 — Martim de Freitas.
- 65 — D. Pedro I.
- 66 — D. João I.
- 67 — João das Regras.
- 68 — Magriço (Alvaro Gonçalves Coutinho).
- 69 — Afonso Domingues.
- 70 — D. Duarte.
- 71 — Fernão Lopes.
- 72 — D. Pedro.
- 73 — Decepaço (D. Duarte de Almeida).
- 74 — Santa Joana.
- 75 — Diogo Cão.
- 76 — Pedro da Covilhã.
- 77 — D. Manuel.
- 78 — Gaspar Corte Real.
- 79 — Pedro Nunes.
- 80 — Duarte Pacheco (Duarte Pacheco Pereira).
- 81 — D. Maria.
- 82 — João de Barros.
- 83 — Sanches de Baena (Dr. João Sanches de Baena).
- 84 — Marquês de Marialva (D. António Luiz de Meneses).

- 85 — Manuel Bernardes.
- 86 — Duque de Lafões (D. João Carlos de Bragança de Sousa Ligne Tavares Mascarenhas da Silva).
- 87 — Marquesa de Alorna (D. Leonor de Almeida Lorena e Lencastre).
- 88 — Pina Manique (Diogo Inácio de Pina Manique).
- 89 — Duque de Palmela (D. Pedro de Sousa Holstein).
- 90 — Duque de Saldanha (João Carlos Gregório Domingos Vicente Francisco de Saldanha Oliveira e Daun).
- 91 — Ferreira do Amaral (João Maria Ferreira do Amaral).
- 92 — Silva Pôrto António Francisco Ferreira da Silva Pôrto).
- 93 — Anchieta (José Alberto de Oliveira Anchieta).
- 94 — Serpa Pinto (Alexandre Alberto da Rocha Serpa Pinto).
- 95 — Capelo (Hermenegildo Carlos de Brito Capelo).
- 96 — Luciano Cordeiro (Luciano Baptista Cordeiro de Sousa).
- 97 — Fontes Pereira de Melo (António Maria de Fontes Pereira de Melo).
- 98 — Eduardo Brazão.
- 99 — Almirante Reis (Cândido dos Reis).
- 100 — Sidónio Pais (Sidónio Bernardino Cardoso da Silva Pais).

No próximo número acusaremos a recepção de todas as cadernetas, pelos respectivos nomes de coleccionadores.

HONRADEZ (Continuado da página 2)

Passaram tempos.

A mãe de Iorito curou-se, sendo as despesas do tratamento pagas, pelo príncipe. O pescador, pouco depois aban-

donou o barco, passando a ocupar o rendoso cargo de mordomo do palácio de sua Alteza.

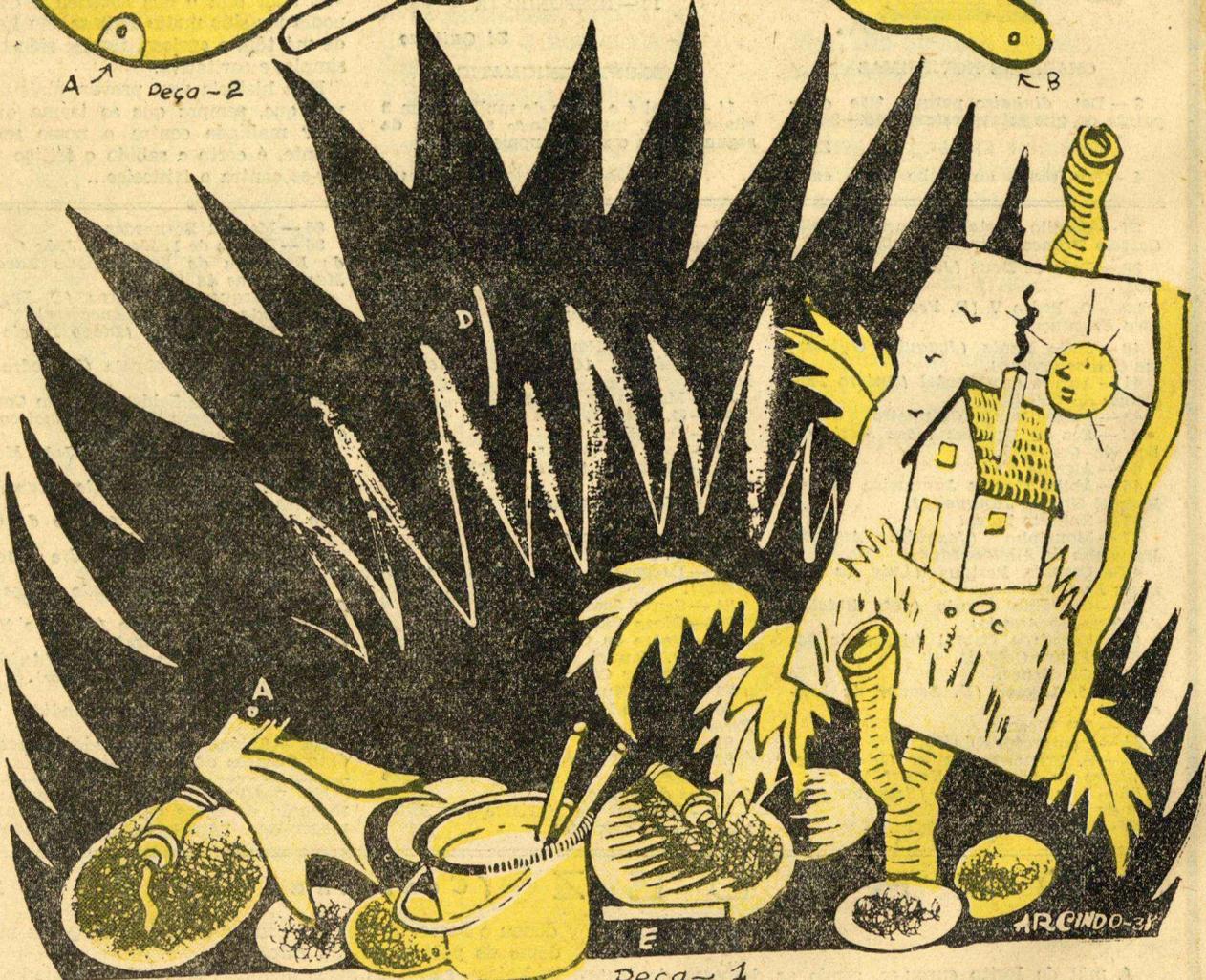
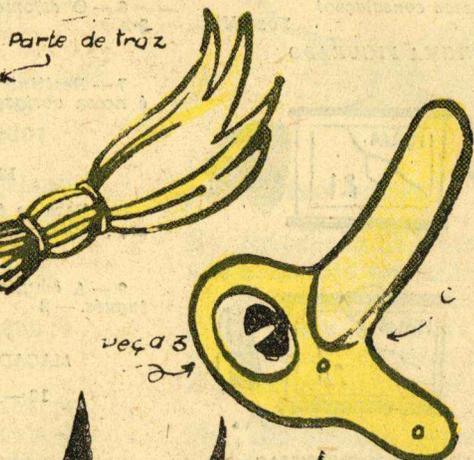
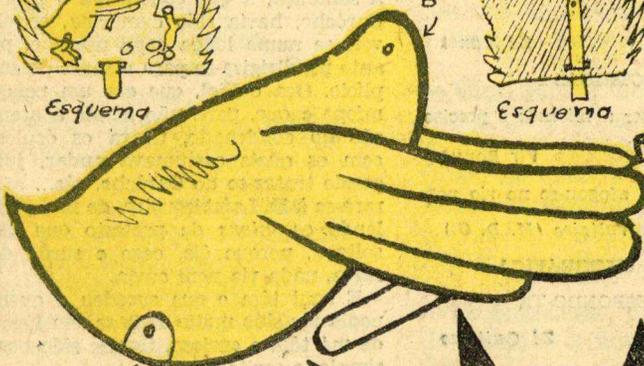
Vejam, agora, os meus meninos, como são apreciados os bons sentimentos dos homens...

O PATINHO PINTOR



OC

Peça-4



ARLINDO-38

CONSTRUÇÃO PARA ARMAR